

Jovens em movimento: o processo de formação da Pastoral da Juventude do Brasil

*Flávio Munhoz Sofiati**

Resumo

O objeto deste artigo é investigar o processo de formação da PJB, isto é, seu método pedagógico e suas opções políticas. A análise se desenvolve a partir de uma contextualização histórica que busca identificar as mudanças ocorridas no método da PJB nas décadas de 1980 e 1990. Conclui-se que, durante os anos 1980, a PJB enfatizava a dimensão política em suas atividades de formação e participava dos diversos movimentos sociais que se organizavam em torno da proposta de redemocratização do Brasil. No entanto, nos anos 1990 ocorre uma reformulação do método, o qual passa a direcionar a formação para as dimensões pessoal e teológica, com uma prática voltada para o interior da Igreja Católica.

Palavras-chave: Processo de formação; Juventude e religião; Igreja católica.

Youths in movement: the formation process of the Pastoral da Juventude do Brasil

Abstract

The object of this article is the formation process of the *PJB*, be it, its pedagogic method and its political options. The analysis is developed from a historical background in order to identify the changes occurred in the *PJB* method along the 1980 and 1990 decades. We can conclude that, during the 1980s, the *PJB* emphasized the political dimension in its formation activities and participated in several social movements, which were being organized around the proposal of Brazilian redemocratization. However, along the 1990s a reformulation of the method occurs and it passes to direct its formation to the personal and theological dimensions, having its practice turned to the inside of the Catholic Church.

Keywords: Formation Process; Youth and Religion; Catholic Church.

Introdução

O presente artigo analisa, numa perspectiva sócio-histórica, o método de formação utilizado pela Pastoral da Juventude do Brasil – PJB – junto aos jovens que fazem parte dos grupos da Igreja Católica – IC. O objetivo é investigar o processo de formação dos jovens e apresentar sua contextualização histórica, procurando identificar as mudanças ocorridas durante as décadas de 1980 e 1990.

Processo de formação é entendido aqui como o conjunto dos métodos pedagógicos e das opções políticas assumidas pela PJB em seu desenvolvimento histórico. Esse processo é composto por vários elementos que norteiam a formação do jovem católico nas pastorais. Dentre eles, destaca-se a opção pelo trabalho em pequenos grupos de base e a utilização do método ver-julgar-agir-rever-celebrar, concebido como um modo de inserção e olhar sobre a realidade social e religiosa do país.

A utilização da perspectiva sócio-histórica de-

corre da necessidade colocada pelo objeto estudado, pois a proposta é fazer a interpretação sociológica do período histórico determinado para melhor compreender as mudanças das referências da PJB em seu projeto de formação. Dessa maneira, é possível entender como vem sendo desenvolvido esse processo, já que nossa pretensão é analisar as transformações ocorridas nas décadas de 1980 e 1990 na formação dos jovens, considerando a história da PJB.

A PJB, que está inserida na estrutura da IC por intermédio do Setor Juventude da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB¹, defende a tese de que os jovens devem ser organizados pelos próprios jovens, apresentando-os como protagonistas de sua ação evangelizadora. É possível identificar nos textos oficiais da IC que o objetivo geral da PJB é de promover um encontro pessoal e comunitário com Cristo, para que o jovem se comprometa com a libertação do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação (Celam, 1987, p. 115). Nessa perspectiva, a evangelização da juventude é feita da seguinte maneira:

* Endereço eletrônico: flaviosofiati@usp.br

Como a realidade da juventude é diversificada, em todos os seus aspectos a PJB deve organizar, desde a nucleação, um processo de formação integral na fé, com passos pedagógicos apropriados, partindo da realidade e da experiência concreta de cada pessoa e grupo, despertando-a para o seguimento de Jesus Cristo e o compromisso com a causa da libertação dos oprimidos e marginalizados (CNBB, 1998, p. 145).

Pelo fato de assumir as diretrizes de ação evangelizadora da CNBB², a PJB é compreendida como um segmento da juventude católica. Nesse sentido, uma de suas principais metas é organizar os jovens para assumirem o ponto de vista do catolicismo no Brasil. Por esse motivo, em documentos da PJB, identifica-se sua presença nos bairros de periferia por meio da Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP -, no meio rural por meio da Pastoral da Juventude Rural – PJR -, nas escolas por meio da Pastoral da Juventude Estudantil – PJE -, no meio urbano e nas paróquias por meio da Pastoral da Juventude – PJ³. Todas estas pastorais específicas são parte da PJB e suas principais características são o protagonismo juvenil, a proposta de evangelização que parte da realidade do jovem, a apresentação da figura de Jesus Cristo como amigo e companheiro, a promoção da vivência comunitária da fé, a promoção do senso crítico e a proposta de fomentar uma pastoral de conjunto (Celam, 1987, p. 116).

A IC possui em seu interior várias *tendências*⁴, sendo a PJB ligada à Teologia da Libertação – TL -, que tem sua origem na América Latina, surgida da convergência entre as mudanças internas e externas sofridas pela IC no final dos anos 1950. A TL tem como perspectiva interpretar a realidade latino-americana à luz do evangelho, utilizando termos e conceitos materialistas, além de fazer a “opção preferencial pelos pobres”, isto é, uma escolha política pautada pela noção de classe social. Assim, a PJB atua nas várias situações específicas - escola, zona rural, meios popular e urbano – com a consciência de que nesses diferentes meios estão presentes as diferenças de classes e, em consequência, as diferentes necessidades da juventude. No entanto, em seus documentos está presente uma proposta de mudança da realidade brasileira sem apresentar de forma clara um projeto de transformação, afirmando que não é papel da IC desenvolver plataforma política, mas sim, por intermédio dos cristãos na sociedade, participar de sua elaboração.

Podemos afirmar que a PJB é a reatualização de uma corrente histórica da IC que teve seu início nos anos 1950 com a Ação Católica Especializada, que contribuiu com o surgimento da TL e, nos dias

de hoje, está presente nas pastorais sociais. Nessa perspectiva, a partir dos documentos e textos da IC, analiso os elementos que compõem o método de formação da PJB, principalmente, com base em dois documentos que marcam sua trajetória. O primeiro é o documento n° 44 da *Coleção Estudos CNBB* editado em 1984, logo após o 4° Encontro Nacional que marcou o início da articulação nacional da PJB. Este documento resgata todo o processo de gênese da PJB e norteia sua ação durante toda a década de 1980. O segundo documento é uma reedição do primeiro e também pertence à *Coleção Estudos CNBB*: o documento n° 76 que foi editado em 1998 e representa o avanço acumulado pela PJB e as mudanças de concepções em seu método de trabalho com a juventude católica.

A definição das mudanças ocorridas no processo de formação é identificada na comparação entre os documentos 44 e 76 da CNBB. Na análise desses marcos referenciais, conclui-se que, na segunda metade da década de 1990, a PJB passa a assumir várias características presentes no modelo *pentecostal* ou *carismático* de igreja. Dentre essas características está a ênfase na formação voltada para a dimensão da espiritualidade. Essas mudanças também foram influenciadas por acontecimentos na sociedade. Na década de 1980 a forte presença dos movimentos sociais e da participação popular influenciou diretamente a PJB, que enfatizava em sua formação o aspecto político da religião. Nos anos 1990, com a crise desses movimentos e da participação da sociedade civil nos acontecimentos públicos⁵ e o advento do neoliberalismo e da pós-modernidade, que enfatizou a noção de individualismo, a PJB redireciona sua formação, buscando um equilíbrio entre o aspecto espiritual e político, porém, com predominância da espiritualidade, caracterizada pela ênfase na formação bíblica e litúrgica.

Características da formação

O principal referencial da PJB na década de 1980 foi o documento da CNBB de n° 44⁶ que sistematizou e definiu linhas de ação da IC no ambiente juvenil. Esse documento afirma que o objetivo principal do trabalho era ajudar o jovem a se transformar em “Homem Novo por meio de uma autêntica vivência do Evangelho, impulsionando o jovem a evangelizar seu meio específico de acordo com os valores cristãos” (CNBB, 1983, p. 22). Essa definição tem como significado que a IC teve na PJB o instrumento principal de trabalho com a juventude, pois, em todo esse período, o único documento elaborado pela IC sobre juventude foi o documento

nº 44, desenvolvido especificamente para discutir as pastorais da juventude. Define-se nesse documento que o papel da PJB era de: fomentar o senso crítico e capacidade de analisar a sociedade; formar jovens para transformar as estruturas; ajudar o jovem a ligar sua fé com o compromisso sócio político; e levar o jovem a conhecer criticamente o marxismo, o capitalismo liberal e a Doutrina da Segurança Nacional para assumir o Humanismo Cristão como perspectiva de superação das estruturas sociais injustas presentes em toda a América Latina.

Nesse período, conhecido como a fase de elaboração teórica, ocorre a consolidação da proposta de uma pastoral organizada nacionalmente e articulada entre suas especificidades. Fez-se a opção por uma pedagogia da ação que continha os seguintes critérios: a) Pedagogia experiencial que parte da experiência concreta do jovem com o objetivo de conhecê-la, aprofundá-la e transformá-la; b) Pedagogia transformadora e libertadora visando, mutuamente, uma profunda transformação pessoal e social; c) Pedagogia comunitária que busca uma experiência fraterna e evangelizadora; d) Pedagogia do testemunho que tenha coerência entre o que se fala e o que se pratica; e) Pedagogia participativa na qual o evangelizado participa ativamente de seu processo de evangelização; f) Pedagogia personalizante que assume o jovem em sua condição pessoal e social; g) Pedagogia pastoral integral, isto é, que integra processos cognitivos, afetivos e ativos (Celam, 1987, p. 188-190).

Como grande parte dos movimentos sociais e setores envolvidos em trabalhos com as classes populares, a pastoral também foi influenciada pelo método de formação desenvolvido pelo pedagogo Paulo Freire. Inclusive um dos centros de apoio da PJB, o *Centro de Capacitação da Juventude* de São Paulo, editou um livro do próprio autor sobre trabalho com as classes populares⁷. Com Paulo Freire a pastoral entendeu que não basta “querer mudar” a sociedade, é preciso “saber mudar”, sendo necessário para isso desenvolver um método, um caminho claro para alcançar esse objetivo. Dessa forma, a IC define a PJB como a ação organizada dos jovens cristãos que visa a transformação da sociedade, sendo uma forma de conhecer e seguir Jesus Cristo. “A PJ é a ação organizada e celebrada do jovem situado, na ótica do pobre, visando um mundo de fraternidade” (Boran, J. e Dick, H., 1983, p. 17). Em um subsídio elaborado por Altoé (1988) são definidos trinta princípios que norteiam o método pedagógico e as opções políticas da pastoral:

1. Amar o jovem e fazer com que ele se sinta amado.

2. O jovem deve ser sujeito da ação pastoral.
3. Dar a razão de ser das coisas e ajudar o jovem a compreendê-la.
4. Apresentar um projeto de Homem novo, Igreja e sociedade que sejam sinal da presença do Reino de Deus.
5. Valorizar as pequenas coisas e os pequenos passos caminhados.
6. Gostar daquilo que os jovens gostam. Assim os jovens gostarão daquilo que nos agrada. Cativar o jovem.
7. Estar sempre presente junto aos jovens. Fazer-se presença amiga. Ter familiaridade com os jovens, sobretudo nos momentos livres.
8. Colocar-se em atitude de escuta, de compreensão, de diálogo. Criar um clima de confiança cordial.
9. Procurar fazer-se amar, se quer fazer-se respeitar.
10. Aprender com os jovens, numa relação educador-educando, evangelizador-evangelizando.
11. Acreditar na capacidade dos jovens dando oportunidades para eles se organizarem e assumirem compromissos no próprio meio. Confiar nos jovens.
12. Ter coerência entre o que se anuncia e o que se vive.
13. Fazer as coisas por convicção, assumindo com responsabilidade as exigências para o crescimento pessoal e para a convivência no grupo.
14. Conquistar o coração do jovem através do diálogo, pois só depois de conquistar o coração é que se pode propor, com eficácia, os valores da educação.
15. Servir ao jovem: colocar-se a disposição. Trabalhar COM e não PARA o jovem. Estimular a criatividade.
16. Fazer as correções e observações em particular, de modo fraterno e discreto.
17. Cultivar o otimismo e a alegria.
18. Ser solidário para com os jovens.
19. Compreender o jovem situado concretamente em seu meio.
20. Partir sempre da realidade concreta em que o jovem se encontra.
21. Atender ao jovem em seu meio específico.
22. Fazer ver a realidade de conjunto e sua complexidade.
23. Proporcionar uma formação integral aos jovens.
24. Conhecer a história da pessoa, da comunidade, da Igreja, da sociedade. Criar e manter a consciência histórica e crítica.
25. Avaliar após cada atividade e ter paciência

histórica.

26. Saber aproveitar os conflitos para caminhar; para isso analisá-los metodologicamente.
27. Trabalhar em pequenos grupos e caminhar integrados às CEB's.
28. Conquistar e ocupar espaços, mesmo que pequenos.
29. Conhecer a si mesmo e o contexto social.
30. Fazer uso do método ver-julgar-agir-rever-celebrar (Altoé, 1988, p. 18-19).

Altoé (1988) sintetiza as características essenciais do método de formação das pastorais da juventude. Nesses princípios estão inseridas todas as dimensões da formação e da ação pastoral da IC diante da juventude. Em relação à opção pelos empobrecidos, esta possui um teor sócio-político e teológico-pastoral e é argumentado a partir das seguintes afirmações: a maioria da população é empobrecida; a juventude empobrecida carrega consigo uma força libertadora; essa é uma opção de toda a Igreja; é uma resposta à situação de injustiça; a palavra de Deus só é entendida e vivida a partir da ótica do empobrecido; Jesus Cristo tomou partido dos pobres (Boran, J. e Dick, H., 1983, p. 23).

A partir dos apelos do Evangelho, a PJB opta preferencialmente pelas classes populares e pelos jovens das mesmas, por serem a maioria e vítimas de uma estrutura social injusta. As classes populares são o lugar social de onde se analisa toda a sociedade e se percebe o desafio da construção de uma sociedade sonhada por Deus (CNBB, 1983, p. 37). Portanto, a opção pelos jovens empobrecidos tem como significado olhar a sociedade a partir do lugar social do pobre. Essa tomada de posição leva a PJB a formar seus jovens na perspectiva de transformação das estruturas sociais que oprimem o empobrecido.

A IC, na década de 1980, tinha como perspectiva no trabalho com o jovem partir de uma pastoral geral, do grupo de jovens que iniciava sua caminhada a partir das paróquias e comunidades, para uma pastoral juvenil especificamente inserida no seu próprio meio no qual o jovem irá, de forma organizada, contribuir com a evangelização de seu espaço de convivência cotidiana. Na proposta operacional estavam presentes seis elementos: 1) formação integral; 2) metodologia de trabalho; 3) opção preferencial pelos jovens empobrecidos; 4) espiritualidade relacionada com a vida; 5) organização; 6) estratégia para a ação (CNBB, 1983, p. 23). Ocorre que, na década de 1980, impulsionada pela conjuntura de intensa presença dos movimentos sociais no cenário político, a PJB enfatiza seu processo de formação na dimensão política, inserindo seus jovens no con-

texto de lutas sociais, acompanhando os passos das CEB's e das pastorais sociais que tiveram presença importante no processo de transição democrática.

A ação da PJB ocorre em três dimensões complementares: na própria PJ; na comunidade; e nos meios específicos ou organismos intermediários como partidos, movimentos, associações. Nos anos 1980, a caminhada do jovem era definida a partir de três momentos: 1) participação na PJ Geral da comunidade e paróquia, com prática assistencialista; 2) engajamento individual no meio específico em que está inserido; 3) inserção em um grupo dentro de seu meio específico (Boran, J. e Dick, H., 1983, p. 39). Esse novo modelo de pastoral de juventude formou uma geração de lideranças que atuam na própria IC e nos movimentos sociais. Todavia, essa construção só foi possível em consequência da adoção de um processo de planejamento participativo que partia da realidade do jovem. Por isso, entender as características do processo de formação da PJB é fundamental para analisar sua influência no segmento juvenil e também os reflexos da conjuntura social, econômica, política e cultural sobre seu método de ação.

A proposta de formação progressiva, definida pela PJB, afirma que o jovem chega ao compromisso depois de passar por diferentes etapas: 1) Nucleação: fase em que o jovem é convidado a participar do grupo e aceita a proposta – momento em que o jovem descobre como é importante e bom viver em grupo. 2) Iniciação: fase das descobertas das variadas motivações que o jovem traz para o grupo – momento de formação, num processo educativo informal. 3) Militância: é a fase madura do jovem no grupo no qual este se apresenta com uma fé amadurecida, com compromisso e como uma liderança. (CNBB, 1998, p. 155). “A militância exercida pelo jovem cristão define-se como aquela ação cada vez mais refletida, intencionada, consciente, contextualizada e organizada, visando promover uma renovação na Igreja e uma transformação na sociedade” (CNBB, 1998, p. 156). As fases de iniciação e militância podem ser divididas em etapas mais detalhadas que passam pela descoberta do grupo; descoberta da comunidade; descoberta do problema social; descoberta da necessidade de uma organização mais ampla; descoberta das causas estruturais (análise social); descoberta da militância (opção vocacional); e descoberta das etapas percorridas (maturidade pedagógica) (CNBB, 1998, p. 159).

Na etapa de descoberta do grupo, as relações pessoais são mais importantes que a doutrina, já que o jovem está mais preocupado consigo mesmo. O grupo ainda não é um grupo de fato, pois ainda não estabeleceu um ideal grupal, havendo muita rotatividade de

participantes (Boran, 1994, p. 204). A descoberta da comunidade dá ao jovem uma visão mais ampla da religião e um sentido de pertença à Igreja. Esta noção é elemento fundamental da fé cristã que tem como principal característica a vivência religiosa comunitária (Boran, 1994, p. 212). Na descoberta do problema social o jovem toma consciência de problemas muito piores que os seus. Esse despertar social leva-o a participar de campanhas para ajudar os pobres, a visitar orfanatos, hospitais, presídios (Boran, 1994, p. 219-221). Ao fazer a descoberta de uma organização mais ampla, o jovem descobre a PJB. Nesse momento o jovem é incentivado “a largar as muletas e caminhar com suas próprias pernas” (Boran, 1994, p. 226). Nessa fase de amadurecimento o jovem passa a tomar consciência do mundo em que vive e descobre as causas estruturais que provocam a desigualdade na sociedade. Surge a consciência de classe e se descobre a exploração pela qual passam as classes populares. O jovem é convidado a aprofundar sua opção pelos pobres e unir fé e vida como elementos de um mesmo conteúdo. “Nesta etapa, acentua-se a importância da dimensão política da fé. O jovem entende que é necessário conscientizar o povo e chegar ao poder político para mudar a sociedade” (Boran, 1994, p. 242).

A partir deste momento há a descoberta da militância e o aprofundamento do compromisso. Boran (1994) identifica três níveis de engajamento: na própria PJB, participando da preparação de subsídios, organizando cursos, festivais de música, preparando assembleias de avaliação e planejamento, coordenando reuniões; na comunidade, na catequese de crisma, na preparação da liturgia das missas, preparando festas da paróquia, novenas e boletins paroquiais; na sociedade, participando de partidos políticos, sindicatos, movimento estudantil, movimentos populares, organizações de bairros, entre outros (Boran, 1994, p. 249-251). Na última fase o jovem faz a descoberta das etapas percorridas. É o momento de maturidade pedagógica. O militante torna-se mais realista e menos vanguardista e com capacidade de trabalhar com iniciantes sem queimar etapas (Boran, 1994, p. 253). Boran (1994) afirma que a educação por etapas não significa necessariamente um processo cronológico na qual uma etapa sucede a outra. Várias etapas podem coincidir, sendo possível também que alguns jovens pulem certas etapas em decorrência das particularidades de sua realidade. Portanto, as etapas descritas acima correspondem a um processo metódico da PJB.

Oliveira (2002) também define as fases de crescimento do jovem no grupo a partir de cinco etapas: 1) de socialização, correspondente aos primeiros contatos com o grupo, no qual ocorre o fortalecimento da coesão grupal; 2) de aprofundamento, momento em que o jovem vai conhecendo o projeto de Deus e amadurecendo sua fé; 3) de comunhão, o jovem descobre que é parte da Igreja e assume tarefas na comunidade; 4) de descoberta, onde o jovem avança na sua consciência por meio dos debates e ações do grupo; 5) de militância, momento do engajamento comprometido do jovem na Igreja e na sociedade. Estas etapas são percorridas individualmente pelos jovens, já que dentro de um mesmo grupo esse processo ocorre de forma desigual (Oliveira, 2002, p. 92-94).

Segundo Boran (1982), o processo de conscientização do jovem é pensado a partir de etapas que passam pela descoberta da situação social por meio dos fatos na vida dos jovens, descoberta progressiva de suas causas e conseqüências, descoberta do conflito de classes e da consciência que pertence a uma classe social, descoberta das engrenagens de dominação da sociedade capitalista e descoberta da necessidade de uma organização para enfrentar os problemas dessa sociedade de dominação. Esse caminho leva o jovem a entender a importância da PJB em seu processo de ação que também passa por fases, começando pela conscientização: momento em que surgem questionamentos a partir de fatos, causas e conseqüências; fase de mobilização: surgimento de um processo de organização, de se juntar as pessoas que pensam da mesma maneira; fase do projeto concreto: busca-se uma ação conjunta e concreta no meio; fase de articulação em nível mais amplo com participação ativa; até chegar na fase do compromisso político no qual há uma ação organizada com repercussões mais amplas e soluções também amplas (Boran, 1982, p. 240-246). Nesse contexto, afirma Boran (1982), o jovem e os grupos desenvolvem critérios de participação na sociedade decorrentes do compromisso de fé. Estabelece-se que o povo é agente de seu processo de formação e que na construção de uma nova sociedade deve haver democracia em todos os níveis. Descobre-se que não há duas histórias, da salvação e profana, mas uma única história na qual o cristão, em conjunto com outros segmentos sociais, deve ser o sujeito da transformação. A PJB busca construir uma consciência crítica junto aos jovens para que eles percebam na sociedade a mentira, a meia verdade, a manipulação e a demagogia. Trabalha-se para que eles sejam sujeitos de sua própria educação e formação, para que participem, como sujeitos conscientes, da construção da história e da transformação da sociedade injusta (Boran, 1982, p. 137).

No final da década de 1980 a PJB vivenciou momentos de intenso engajamento social e político

co, participando dos vários processos desencadeados naquele período: eleições, constituinte, governo civil. No entanto, no período seguinte começa a viver uma crise de perspectivas, em decorrência do retorno da presença do movimento pentecostal/carismático no interior da IC e também por conta das profundas mudanças que o cenário nacional e internacional passava naquele momento: queda do Muro de Berlim, fim da União Soviética, vitória da direita nas eleições de 1989, crise da modernidade com advento da pós-modernidade e desenvolvimento do neoliberalismo no Brasil. No próximo tópico destaca-se, a partir da análise do documento 76 da CNBB, as mudanças ocorridas no interior da PJB, principalmente em seu método de formação.

A consolidação do método pedagógico e das opções políticas

Ao final da 11ª Assembléia Nacional, durante um período de aproximadamente quatro anos, a PJB, em mutirão, re-elaborou seu marco referencial, que foi publicado pela Editora Paulus como Estudos da CNBB, número 76, *Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*. Neste marco, principal referência no método de formação na década de 1990, a PJB estabelece e reafirma várias opções pedagógicas, entre elas: o trabalho com pequenos grupos de base; a formação progressiva, integral e libertadora; e o Método ver-julgar-agir.

Grupo de base. O grupo de jovens é a experiência e o espaço central da proposta pedagógica e evangelizadora da PJB que propõe a formação de pequenos grupos, de idade homogênea, com nível de participação estável e com ritmo periódico de reuniões (CNBB, 1998, p. 147). O grupo facilita a criação de laços profundos de solidariedade, permitindo partilhar critérios, valores, visões e pontos de vista. Dessa forma, o grupo ajuda a enfrentar os desafios da vida, educando para olhar a realidade e descobri-la junto com os outros, permite a adesão ao projeto de Jesus, impulsionando o jovem para uma renovação permanente do compromisso cristão e dando solidez à sua missão (CELAM, 1997, p. 194).

O grupo de jovens possui algumas etapas de desenvolvimento que são: 1) Nascimento e infância. Nesta etapa o grupo depende, em tudo, do assessor e de valores e expectativas trazidas pelos participantes. É muito frágil no início, sendo fundamental a presença do assessor. Neste momento o grupo está centrado em si mesmo e cada jovem busca encontrar soluções para seus problemas (CNBB, 1998, p. 150). 2) Adolescência. Esta é a fase de crise, conflito, passagem e mudança em que ocorre o crescimento e to-

mada de consciência do grupo e seu lugar na comunidade (CNBB, 1998, p. 151). 3) Juventude. Nesta etapa o grupo se apresenta com maior segurança e estabilidade. Também ocorre maior independência com relação ao assessor. O jovem nesse momento começa a se engajar nos movimentos sociais e populares, superando a esfera da comunidade, na busca pela mudança da sociedade (CNBB, 1998, p. 152). 4) Idade adulta. O grupo que alcança esta etapa é uma verdadeira equipe de vida com fortes relações e projeto de vida definida. Os jovens, assim, estão a serviço da comunidade e da sociedade, sendo a partilha e a troca de experiência a razão de ser do grupo (CNBB, 1998, p. 152). 5) Morte – vida nova. O grupo não pode existir para sempre. Nessa fase o grupo é chamado a se dividir e se multiplicar na comunidade e na sociedade, gerando novos grupos e novos trabalhos (Celam, 1997, p. 200).

Formação progressiva, integral e libertadora. A PJB tem como proposta de formação trabalhar junto ao jovem a formação integral, que pressupõe estabelecer uma relação entre todas as dimensões humanas, que são desenvolvidas de maneira homogênea e integradas. Uma formação integral é aquela que envolve todos os aspectos da vida: pessoal, social, política, teológica e metodológica. A PJB afirma que o crescimento e amadurecimento devem ser equilibrados em todas essas dimensões, pois em diversas propostas de formação há o perigo do reducionismo em promover apenas algum aspecto como, por exemplo, apenas o aspecto psicológico, espiritualista ou político. Dessa forma, o ser humano deve ser entendido em sua totalidade. Dessa maneira, consegue-se aprimorar a espiritualidade e assumir concretamente a proposta de Jesus Cristo, objetivo principal de sua proposta de formação. O conceito de formação integral, estabelecido a partir das relações que o indivíduo desenvolve na sociedade, é dividido em cinco momentos:

a) Dimensão da personalização: a dimensão pessoal corresponde ao universo psicoafetivo do ser humano, compreendendo o aspecto do eu, da relação consigo mesmo. É o espaço da busca constante de resposta à pergunta: “Quem sou eu?”. Nesta dimensão, a PJB propõe que o jovem faça suas opções de valores, assumindo-os em sua vida (CNBB, 1998, pp. 162). A PJB afirma ainda que há a necessidade da pessoa ter um conhecimento de si mesma para amadurecer afetivamente e construir uma formação positiva da personalidade e acolhimento da própria vida. Dessa forma, ela define que para cultivar a dimensão pessoal é necessário procurar conhecer-se, aceitar-se e assumir a si próprio. Deve-se cultivar o olhar interno, desenvolvendo seus sentimentos e interesse com re-

lação aos outros. Também é preciso desenvolver suas aptidões e qualidades para superar os limites pessoais e não se apegar às barreiras da vida, transformando-as em trampolins em busca da felicidade.

b) Dimensão da integração grupal e comunitária. Corresponde à dimensão social da vida, da relação com o outro na busca da integração grupal e comunitária. É o momento de descoberta do grupo como lugar de encontro e de compreensão do outro como ser diferente (CNBB, 1998, pp. 162). O jovem descobre que precisa do grupo para se sentir importante e útil. Aprende que o relacionamento é algo fundamental para o ser humano. Dessa forma, toma a experiência comunitária como referência para sua vida, realizando-se como pessoa na relação com o outro. Para a PJB, essa dimensão ensina ao jovem lidar com o conflito e a conviver com quem pensa diferente. Reconhece os valores dos outros, as diversidades e os limites de cada um. Passa a ver as pessoas como algo mais importante que as normas, os objetos e as coisas. Cresce e amadurece nessas relações, descobrindo que a educação na fé é concebida como caminho a ser percorrido comunitariamente.

c) Dimensão sócio-política: relação com a sociedade. É o momento de inserção do jovem na sociedade e da sua participação cidadã. A PJB afirma que a promoção do bem comum e a construção de uma ordem social, política e econômica humana justa e solidária, devem ser para o jovem um compromisso de fé (CNBB, 1998, pp. 163). A PJB compreende a política não apenas a partir da política partidária, mas entende que a política significa uma dimensão da formação humana que busca uma relação madura com a sociedade. Propõe que a política deve ser interpretada pelos cristãos como a arte de administração da convivência dos cidadãos, sendo a presença da juventude na política de fundamental importância para que ocorram as mudanças na sociedade e na IC. Portanto, esse é o momento de socialização e inserção do jovem na sociedade, na perspectiva de uma formação para a cidadania que considere os deveres e os direitos que todos devem ter para a construção de uma sociedade justa, livre e igualitária. Portanto, no processo de formação da PJB, fazer política é um dever humano. Por isso a política é concebida como algo positivo na vida do cristão que tem como missão utilizá-la como um instrumento de organização da “Civilização do Amor”.

d) Dimensão mística e teológica: corresponde à dimensão da relação com Deus. Dimensão da manifestação e presença do Pai na vida, no qual ocorre um crescimento na fé a partir da vivência e fundamentação comunitária cristã. Para a PJB, ao fazer o jovem vivenciar sua experiência de fé, essa experiência faz

com que ele passe a viver como um autêntico cristão (CNBB, 1998, p. 164). Na Pastoral essa dimensão ajuda o jovem a fazer a opção pelo seguimento de Jesus Cristo, assumindo sua pessoa e seu projeto. Há um encontro com Jesus e o desenvolvimento de uma espiritualidade centrada em sua proposta. Nesse momento do processo de formação, descobre-se que o sentido da vida está na experiência do seguimento e passa-se a discernir a ação do Espírito Santo nos sinais dos tempos. Busca-se uma experiência de Deus com uma compreensão teórica e prática da própria fé. O cristão deve assumir um compromisso radical de viver os valores do Evangelho, mantendo o contato com a palavra de Deus e uma vivência comunitária. A PJB propõe que é preciso integrar fé e vida, transformando a experiência da vida em experiência de fé. Assim, a PJB afirma que o jovem precisa tomar mão de alguns instrumentos que possibilitem o cultivo de sua fé. A Bíblia é fundamental nesse processo mas é preciso outros materiais que ajudem a dinamizar a relação com Deus, propondo a utilização do *Ofício Divino das Comunidades*^{viii} da “Leitura Orante da Bíblia”⁹ devem ser referência para a espiritualidade do jovem na IC.

e) Dimensão metodológica: diz respeito à estratégia metodológica do jovem com relação à ação em seu processo dentro das dimensões anteriores. É a dimensão da capacitação técnica do jovem para o planejamento, desenvolvimento e avaliação da ação transformadora. A PJB propõe que o jovem se capacite constantemente para o seu trabalho pastoral (CNBB, 1998, p. 165). A relação com a ação refere-se às habilidades de liderança, que devem ser desenvolvidas no processo de crescimento da fé, fundamentais na preparação para a vida. Nesse processo, segundo a PJB, torna-se necessário ter capacidade de planejar, desenvolver e avaliar a ação, pois estar preparado para a ação permite ao cristão avançar em sua maturidade religiosa, social, pessoal e política. O jovem precisa refletir sua ação para realizar sua missão evangelizadora com eficiência. No mundo juvenil o exemplo é mais importante que a palavra, por isso o cristão precisa ser profissional na evangelização, preparando sua ação e sendo o primeiro responsável por sua formação. Essa dimensão é fundamental na proposta de formação da PJB.

Em cada etapa de formação que se encontra o jovem no grupo há uma acentuação diferenciada em determinadas dimensões. Dessa forma, na PJB o cristão deve vivenciar de forma conjunta as cinco dimensões da formação integral para alcançar sua maturidade e ser feliz na sua missão na Igreja e na sociedade. Portanto, a partir dessa proposta de formação integral podemos concluir que a PJB é uma

pastoral que trabalha com uma concepção que proporciona a continuidade e a conscientização, procurando entender o ser humano como um todo.

Método ver-julgar-agir. A essência da proposta de formação da PJB está no método ver-julgar-agir, herdado da Ação Católica Especializada, no qual são acrescentados mais dois momentos: revisar-celebrar. Este método baseia-se na realidade da vida dos jovens (VER), confrontando com os valores da fé (JULGAR), partindo para uma ação de transformação do meio (AGIR) (Oliveira, 2002, p. 17). O momento do VER significa a tomada de consciência da realidade, a partir dos fatos concretos da vida cotidiana. O JULGAR analisa os fatos da realidade à luz da fé, da vida e da mensagem de Jesus Cristo. A Bíblia e os documentos da Igreja Católica são os instrumentos utilizados para confrontar com a realidade. O AGIR é a concretização, a ação transformadora, momento que evita que a reflexão fique no abstrato. O REVISAR é a avaliação, momento de ver até onde se caminhou. O CELEBRAR é o momento de agradecimento da experiência vivida (CNBB, 1998, p. 210-213).

Com o método, nós queremos: formar líderes que se engajem na transformação de seus meios (escola, trabalho, bairro, família), educar para a liberdade, formar para o senso crítico, desenvolver a pedagogia da formação na ação, ligar fé e vida e poder avaliar a caminhada dos grupos (Oliveira, 2002, p. 118).

Este método se concretiza na Revisão de Vida e Revisão de Prática, que é um processo que deve se transformar num estilo de vida para os jovens (CNBB, 1998, p. 215). Com essas opções pedagógicas definidas, a PJB afirma que pode contribuir com a viabilização de um sonho de toda Igreja progressista, compartilhada pelos movimentos sociais, sindicatos e partidos de esquerda, que é a construção de uma outra sociedade chamada pela Igreja Católica de *Civilização do Amor*. As opções pedagógicas assumidas pela PJB, levaram-na a assumir em seu processo histórico a opção política defendida pela Igreja progressista na América. Assim, a PJB pode ser concebida como a ação da IC por meio do qual ajuda os jovens a descobrir, assimilar e se comprometer com a pessoa de Jesus e sua mensagem. Busca-se construir uma Igreja que tenha um perfil celebrativo, participativo, que opte pelos pobres, que seja libertadora e solidária, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Todavia, na década de 1990, em decorrência da ênfase na dimensão política dada na década de 1980 e das conseqüências do advento da individu-

alidade nos dias atuais, ocorre uma predominância da formação nas dimensões pessoal e teológica em virtude dos vários acontecimentos já descritos nesse artigo. O excesso de busca de dados de subjetividade escamoteia relações sociais profundas, esvaziando o sentido de ser igreja enquanto relação social. A conseqüência desse processo é o deslocamento de uma política pastoral, voltada ao coletivo e às questões sociais, para uma ação pastoral com um viés individualista, consumista, com um Deus e Jesus Cristo etéreo, espiritualista, sem carne e sem corpo.

Nessa nova perspectiva, a PJB passa a organizar sua atuação, a partir da segunda metade da década de 1990, pelo que ficou conhecido como *Plano Trienal* que surge na 11ª Assembléia Nacional de 1995. O plano propõe projetos da área de ação, formação e espiritualidade e representa o amadurecimento do processo de organização da PJB e seu fortalecimento diante do processo de fragmentação e pentecostalização presentes também no interior da IC.

Esse Plano se tornou nos últimos anos um importante instrumento de evangelização da juventude a partir das perspectivas sociais e religiosas do modelo de Igreja ligado à TL. A necessidade de redefinir a ação, fortalecendo a presença no interior da IC e a formação pessoal e teológica, também perpassou a elaboração do Plano Trienal que, apesar de possuir projetos na área da cidadania, é direcionado para a área eclesial. Por exemplo, o projeto mais importante do Plano Trienal é o *Projeto Missão Jovem*, que tem como principal característica organizar os jovens católicos para o trabalho de “resgate” da juventude que não participa da comunidade católica (PLANO TRIENAL, 1995, 1998, 2001). Nesse sentido, a PJB tornou-se um instrumento de recuperação da presença da IC entre os jovens e de evangelização da juventude.

Considerações finais

Na perspectiva de Burdick (1998), o projeto de formação da TL e da IC progressista em geral, e podemos incluir a PJB, busca “incitar a consciência do povo apresentando-lhe uma visão utópica”, sendo que as componentes chaves da consciência são a “autovalorização” e a “auto-estima” que permitem as pessoas agirem em seu próprio bem (Burdick, 1998, p. 8). Nesse processo o pecado deve ser visto numa ótica social e coletiva, sendo sua superação parte do processo de conscientização. Entretanto, Burdick (1998) afirma que há vários limites no discurso da TL e nas práticas de seus membros que leva à problematização da proposta de conscientização. O autor faz algumas considerações acerca dos círculos bíblicos das comunidades católicas progressistas que podem ser utilizadas para analisar o modelo de grupo de jovem da PJB. Nos cír-

culos bíblicos, por conta do alto grau de proximidade das pessoas, evita-se “fazer conexões concretas entre a Palavra ‘e a vida’, pois estas só servem para lembrar a todos os ressentimentos, os julgamentos, os mexericos, e as rivalidades que impregnam a vizinhança” (Burdick, 1998, p. 151).

Ocorre também que nos círculos bíblicos os menos alfabetizados se sentem inibidos de falar, criando uma concentração dos discursos em alguns poucos líderes. “Apesar das pretensões de que ‘todos tem voz ativa’ nos círculos, de fato somente um ou outro fala” (Burdick, 1998, p. 152). Os mesmos problemas ocorrem em muitos grupos de jovens da PJB e isso dificulta o desenvolvimento do método de formação e das práticas democráticas descritas sobre os grupos de jovens nos documentos oficiais da igreja e por autores ligados à estrutura da pastoral como, por exemplo, Altoé (1988), Boran (1982, 1983, 1994) e Oliveira (2002).

Diante desse fato e a título de conclusão, pode-se afirmar que durante toda a década de 1980 a PJB trabalhava a formação tendo a PJ como uma pastoral de iniciantes presente nas paróquias e as PJ Estudantil, PJ Rural, PJ do Meio Popular e Pastoral Universitária como pastorais de militantes. A PJ Geral recrutava jovens que no processo optavam por um meio específico. No entanto, no início da década de 1990, isso começa a mudar e em 1995 na 11ª Assembléia Nacional a PJ se transforma em uma pastoral específica. O argumento era de que a PJ também tinha jovens em estágio de militância que atuavam nas comunidades católicas. O problema é saber se as paróquias devem ser consideradas como meios específicos.

Todavia, sabendo que a PJ possui a maioria dos grupos de jovens comparada com as outras pastorais e que seu meio específico é o espaço eclesial, comprovamos a tese de que a PJB, nos anos 1990, volta sua ação para o interior da IC. O significado da PJ ter se transformado em uma específica é de que os jovens, mesmo atingindo o estágio de militância, passaram a fazer a opção em permanecer no trabalho intra-eclesial, deixando de optar por um meio específico voltado à ação social.

Em todo esse debate acerca da ação pastoral da PJB há uma questão que é essencial: o protagonismo juvenil. Observar-se que há certo protagonismo na PJB que passa pela juventude militante, ou seja, os jovens que estão a frente das coordenações dos grupos e das estruturas da PJB. Os jovens participantes dos grupos não possuem um protagonismo total, mas percebe-se que lá existe um espaço de articulação juvenil e de proposição para ação dos jovens. O espaço do grupo pode proporcionar aos jovens a possibilidade de desenvolverem seu po-

tencial de liderança e de vivência comunitárias. O grupo também traz informações importantes para a formação juvenil ao debater temas como sexualidade, amizade, exclusão social, religião entre outros.

A realidade mostra que a possibilidade do protagonismo depende muito da situação na qual se encontra o jovem no grupo ou em alguma instância de coordenação e assessoria da PJB. O que podemos afirmar é que nos anos 1980 o protagonismo juvenil era muito mais possível, pois no processo de formação daquele tempo o jovem optava por um meio específico e se engajava em setores da sociedade civil como movimentos sociais, ong’s e sindicatos. Nos anos 1990 com a permanência de grande parte da militância no interior da IC, o protagonismo juvenil passa a sofrer mais dificuldades de se concretizar. Isso porque a IC e a própria PJB possuem uma forma de organização muito vinculada à idéia de obediência e nos movimentos sociais, como no movimento estudantil, a rebeldia juvenil tem mais potencialidade de se desenvolver.

Por fim, importante frisar que o protagonismo juvenil está presente no interior da PJB, porém, há graus diferenciados de autonomia dos jovens nessa estrutura. Além disso há um intenso conflito entre assessores adultos e jovens em estágio de militância na PJB, pois o que tem como proposta ser um trabalho de cooperação se transforma, em muitas situações, em imposição do que pensam os assessores adultos. Em relação aos jovens participantes de grupos, esses, de fato, não conhecem toda a estrutura da PJB, já que são iniciantes no processo de formação. Todavia, o espaço do grupo é rico em potencialidades para desenvolvimento de seu protagonismo. Os jovens da base se ritualizam na dimensão de um todo desconhecido que possibilita um processo de formação ativo no interior da IC com possibilidade ou não de concretização do protagonismo juvenil.

Notas

- ¹ A PJB também compõe o Conselho Nacional do Laicato do Brasil – CNLB.
- ² A CNBB realiza anualmente, na cidade de Itaipá-SP, sua assembléia geral que planeja e avalia as ações da Igreja Católica no Brasil a partir de diretrizes que são renovadas em períodos de três anos.
- ³ Até 1993 a Pastoral Universitária – PU – também fazia parte da PJB, mas pela concepção de que não deveria ser apenas uma pastoral de jovens mas uma pastoral para todos que estão na universidade – professores, funcionários e alunos -, deixou de fazer parte da estrutura da PJB a partir da 10ª Assembléia Nacional, transferindo-se do Setor Juventude para o Setor de Educação da CNBB.
- ⁴ Libanio (1999) utiliza o termo “cenário”, enquanto Boff (1994) usa o termo “modelo”. No entanto, Gramsci (2001) e Löwy (2000), ao analisar a IC na América Latina, definem as várias correntes existentes no interior da Igreja Católica a partir do termo “tendência”, sendo que Gramsci acrescenta as palavras “orgânica do catolicismo”. Trabalharei com esta última concepção em virtude desta possibilitar um maior entendimento do contexto ao qual está inserido o objeto.
- ⁵ A única grande mobilização social do início dos anos 1990 foi no processo do *impeachment* do presidente Fernando Collor de Melo que teve uma importante participação da juventude, principalmente do movimento

estudantil.

- ⁶ O documento nº 44 foi elaborado pelo Setor Juventude da CNBB por solicitação dos delegados do 4º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude, ocorrido em 1983.
- ⁷ FREIRE, P. (1992) *Para trabalhar com o povo*. São Paulo: CCJ.
- ⁸ OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES (1994). São Paulo: Paulus. Livro de oração dos grupos de Pastoral da Juventude.
- ⁹ Metodologia de leitura da Bíblia a partir da *Lectio Divina* que pressupõe quatro momentos: leitura, meditação, oração e contemplação. Esse método é incorporado a partir da segunda metade da década de 1990.

Referências

- ALTOÉ, A. (Org.) *Metodologia & Método: uma contribuição à Pastoral da Juventude*. São Paulo: CCJ, 1988.
- BOFF, Leonardo. *Igreja, carisma e poder*. São Paulo: Ática, 1994.
- BORAN, Jorge. *Juventude, o grande desafio*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- _____. *O futuro tem nome: juventude*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- _____, DICK, Hilário. *Pastoral da Juventude no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1983.
- BURDICK, John. *Procurando Deus no Brasil: a Igreja católica progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- CELAM *Pastoral Juvenil: si a la civilización del amor*. Bogotá: Coleção documentos CELAM n. 93, 1987.
- _____. *Civilização do Amor: tarefa e esperança – orientação para a pastoral da juventude latino americana*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- CNBB *Pastoral da Juventude do Brasil*. São Paulo: Paulus, Coleção Estudos, nº 44, 1983.
- _____. *Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*. São Paulo: Paulus, Coleção Estudos, nº 76, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Para trabalhar com o povo*. São Paulo: CCJ, 1992.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Vol 4, 2001.
- LIBANIO, João Batista. *Cenários da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1999.
- LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- OLIVEIRA, Rogério. *Pastoral da Juventude: e a Igreja se faz jovem*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- PLANO TRIENAL 1996 – 1998. Brasília: Setor Juventude, CNBB, 1995.
- PLANO TRIENAL 1999 – 2001. Brasília: Setor Juventude, CNBB, 1998.
- PLANO TRIENAL 2002 – 2004. Brasília: Setor Juventude, CNBB, 2001.
- RELATÓRIOS DOS ENCONTROS NACIONAIS E DAS ASSEMBLÉIAS NACIONAIS DE 1973 A 2001.

*Recebido em setembro de 2008
Aprovado em dezembro de 2008*

Sobre o autor:

Flávio Munhoz Sofiati é bolsista FAPESP e doutorando em Sociologia pela USP com estágio na EHES (França). Tem Graduação em Ciências Sociais pela UNESP (2001) e Mestrado em Ciências Sociais pela UFSCar (2004). Foi professor de sociologia da USF em 2005.